



QUARTA-FEIRA
Lisboa - 17 de Dezembro - de 1930

5 TOSTÕES
ANNO. 1930

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2 39

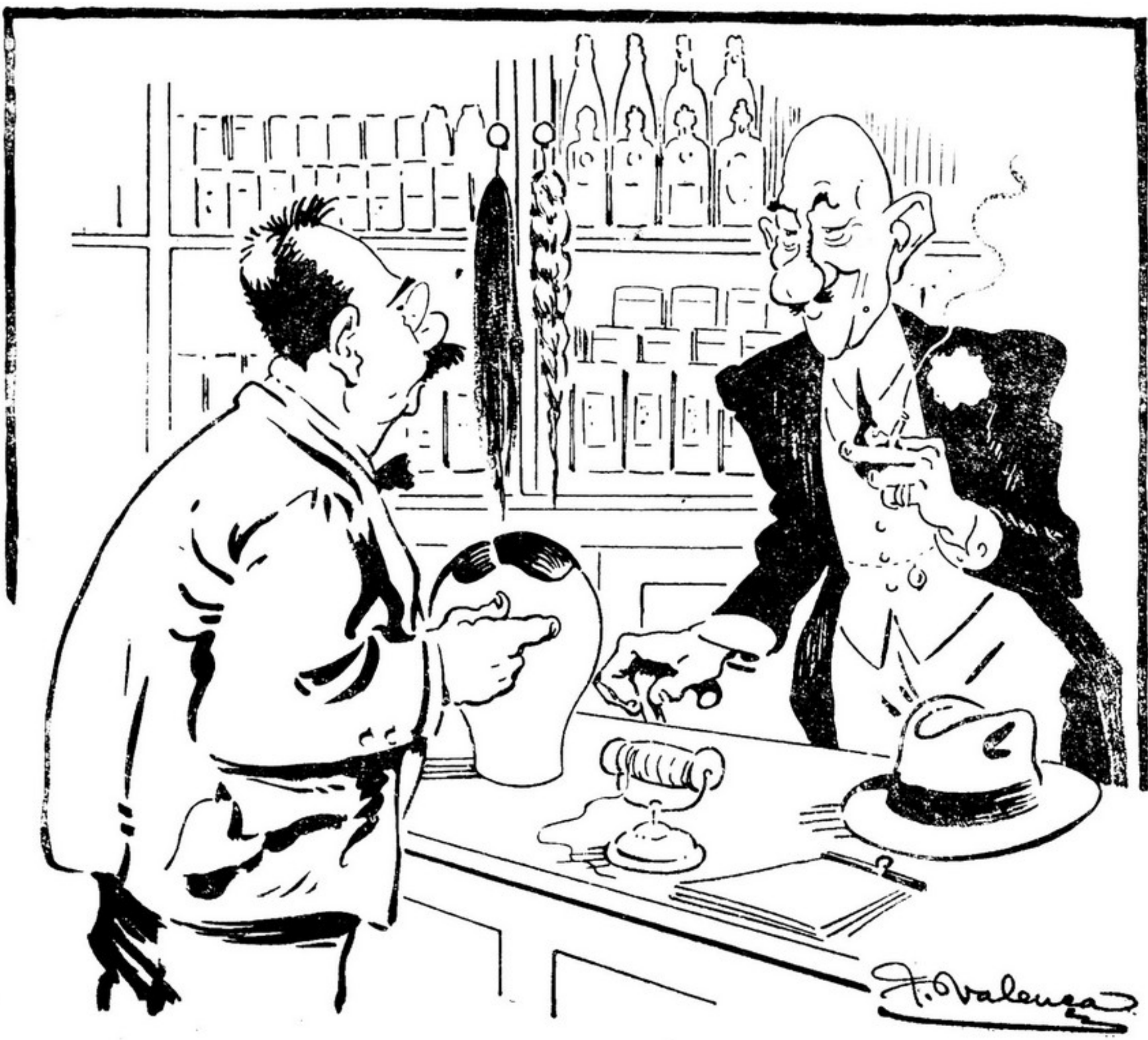
sempre
fi *ve* **se** *semanário*
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Escolhendo chinó



O logista: -- Então vai este, não é verdade?
O freguês: -- Sim, mas para ser melhor mesmo, não se esqueça de lhe pôr...
O logista (interrompendo): -- Já sei: um ou outro cabelo branco.
O freguês: -- Nada disso: um bocadinho de caspa.



Os ditos da semana



A regra Apareceu agora um livro, ha muito anunciado, sobre a nacionalidade e ascendencia de Cristovam Colombo.

São seus auctores os srs. Santos Ferreira e Ferreira de Serpa, o primeiro dos quais teve mais trabalho para descobrir Colombo do que Colombo teve para descobrir a America. O livro é o que se póde chamar uma maravilha. E, sem duvida, a obra mais sensacional que se publicou nos ultimos cem anos em qualquer lingua. Só lendo-o se póde avaliar o que ele vale.

Assembra que tenha sido possível, atravez dum texto hebraico, descortinar a verdadeira e maravilhosa vinda de Colombo. O sr. Santos Ferreira fica sendo o primeiro investigador do mundo. Que trabalho de inteligencia, de argucia, de subtiliza.

A descoberta extraordinaria fê-la o sr. Santos Ferreira, mas é o sr. Ferreira de Serpa quem passa o certificado de que tudo aquilo está certo. Pelo menos a gente fica convencido de que tudo está certo, apesar das fantasticas transposições e transliterações que o auctor faz, esgrimindo com caracteres hebraicos e latinos.

Prova-se absolutamente, (absolutamente, compreende o leitor) que Colombo era português e filho do Infante D. Fernando.

Trata-se dum trabalho historico do mais alto valor e sem outro que se lhe compare em todo o universo.

Para o leitor fazer ideia da maravilha basta que lhe digamos que a sigla de Colombo que é assim:

S.
S. A. S.
X M Y

quere dizer Salvador Gonçalves Zareo.

E quere mesmo.

A certa altura, porém, o sr. Ferreira de Serpa, diz dos jornalistas o seguinte:

«Os cronistas passados são como alguns jornalistas de hoje e deve se-lhes ligar muito pouco credito, desconfiando-se das suas afirmações, por mais perentorias que sejam.»

Nós é claro, não fugimos á regra.

Um tesouro Descobriu-se que, nas Ilhas Selvagens, está escondido um valioso tesouro. Isto afirma se e é verdade, porque do facto existem documentos autenti-

cos no Almirantado Inglez, e principalmente porque o diz o papà «Diario de Lisboa».

Já o Inglez Shackleton negociou com o proprietario das referidas ilhas a pesca do tesouro, mas até hoje ninguém ainda o foi lá buscar. Não foi nem irá. O tesouro que se encerra nas Ilhas Selvagens só é tesouro enquanto lá estiver. Nem é possível arranca-lo de lá.

E' que as Ilhas Selvagens são selvagens a valer e completamente desertas. Nem um coelho, um rato, nem um pintasilgo por ali passeia a sua nostalgia do mundo civilizado. Só uma vez por ano as cagarras as visitam fugazmente, cagarrando e andando, que as cagarras não são passaros que gostem de estar parados. Deles apenas ficam, sobre os rochedos escalvados, os vestigios que os pardais do Camões costumam deixar nos chapéus de quem passa.

Quando a gente ali chega é como se chegasse a um planeta ignoto e deserto. Nem

viv'alma! Nem automoveis que nos salpiquem de lama, nem senhoras visinhas hesbithoteiras que se metam na nossa vida, nem mercieiros que nos envenenem, nem criticos, nem historiadores, nem romancistas, nem cultivadores do fado. Nem sequer uma grafonola! E este é que é o verdadeiro, o valioso, o extraordinario, o inegalavel tesouro.

Experimentem trazer as Selvagens para Lisboa e te-las-hemos cobertas desta fauna que empesta a rua do Ouro e todas cheias de tuas com mosaicos pretos e brancos, tal qual o Parque Eduardo VII.

E era uma vez um tesouro!

Pias O Vaticano vai ter moeda especial. Segundo cremos, as novas moedas chamar-se-hão *pias*, em homenagem ao Pontifice. Mas Mussolini poz restrições: Moedas de

ouro poderá o papa cunhar quantas quizer, porque, em fim, sempre é ouro. mas das outras tem de ser com conta, peso e medida.

Amigos, amigos, mas piás á parte.

Cruz e Sousa Cruz e Sousa teve mais um tango. E' dele e do José Simões. Famoso como os outros, como todos os outros que Cruz e Souza tem dado á luz da publicidade, mais ou menos de colaboração, na parte da letra, em obediencia a velhos preceitos que veem desde o Paraíso Terreal.

Mas Cruz e Souza, nunca nos dá só uma produção. Dá-nos sempre dois gemeos. Alem do tango-canção, «Destinos», envia nos tambem a «Folha de Album», com letra de Mario Marques.

«Destinos» e «Folha d'Album»—ele lá os faz e lá os batiza—são dois rebentos que honram os seus progenitores, mas que eles muito desejariam fossem adotados pelas nossas gentilissimas leitoras.

Perguntas sem resposta Quanto vai pagar o Waterloo ao Banco de Portugal.

Para que é que Nossa Senhora faz meia para o Menino Jesus, se ele anda sempre descalço?

Comandante Fernando Branco



Um marinheiro que faz a propaganda de Portugal tocando em todos os portos a aria da confraternisação.

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Ilhas e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Linguas portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Portuguezas...	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

O teatro Nacional fez reprise da *Boneca e os Fantoches*. Não admira! Naturalmente era para preparar o *Carnaval*, que foi a seguir.

Mas que diabo! O entendo ainda vem tão longe!...

■ ■ ■

OS teatros estão mudando de genero como de camisa. O Politeama, que ainda ha pouco estava explorando a comedia, passou-se para a opera.

E logo o *Rigoletto*. Que rigôlo!

Por mais que pai Pereira teime, não ha maneira de comer á vontade os frutos do seu apelido!

Vai vêr! Nem com musica de Offenbach...

■ ■ ■

A dois revisteiros ainda novos, mas de certa nomeada, que são muito amigos, motivo porque andam sempre juntos, puzeram-lhes a alcunha de *Irmãos Albanos*. Nenhum deles se irritou. Sorrindo, disseram:

— Isso deve ser... canard!



— Deixa-me fugir senão não posso concorrer ao 4.º concurso Nestlé.

Se traduzirem, já sabem de quem se trata.

■ ■ ■

NÃO ha nada como brincar com o azar para ele fugir com o rabo entalado. E' o caso do *Sabão N.º 13*. Lá está, no Trindade, e dizemos que vai até ao *Carnaval*. En-saboando os invejosos da companhia, que não lhe perdôam que singre com vento fresco neste mar encapeladissimo do teatro português.

Este *Sabão N.º 13* tem o set: quê de fenomeno. E' o unico que não se gasta, lavando-se o publico todas as noites com ele!...

■ ■ ■

DIZEM-NOS:

— O *Pinto Calçado* despiu definitivamente as calças e foi para casa!

— Naturalmente envergenhado de *elas*: serem tão velhas!...

■ ■ ■

HA titulos que não lembram ao diabo, que está aqui ao pés de nós, disfarçadissimo em boa pessoa.

Este, por exemplo, o *Misterio da Parker*. O sujeito deve ser masculino, mas a articula tem a particularidade de ser feminina.

Vamos á razão do facto em linguagem do *Diario do Governo*:

«Considerando, porém, que o autor da peça tem um apelido de-ve-ras exquisto, tudo se explica, logo que os individuos de arabos os se-xos o queiram pronunciar...»

■ ■ ■

NO Avenida:

O *meu menino* — já representado.

O *filho das heras* — em representação.

No Apolo:

O *menino de ouro* — a representar.

Beim, já sabemos onde ficam as *creches!*...

■ ■ ■

PROMETEM-NOS para breve a vinda de varias estrellas brasileiras a Lisboa.

Que se deixem lá estar na santa terrinha!

Gostamos de as vêr, mas é por um oculo! Não porque ofusquem os nacionais, mas porque são mais bonitas a distancia.

Compreendido?

■ ■ ■

HA quem diga que o Estevam Amarante não quer organizar companhia.

Sim... seria bom se não estivesse tudo desorganizado e não houvesse lugar para todos. Sobretudo, para

os maiores. E Amarante é um deles!

Nem sempre o jogo... pertence aos pequenos!

■ ■ ■

VAI entrar em ensaios, no Apolo, a revista *O Vira!*

Viradinho ao norte ou viradinho ao sul?

Vamos lá vêr as voltas que o *Vira* dá! Como está tudo virado...

■ ■ ■

DANTES ha tudo para o Brasil, agora vai tudo para a Africa. Tornar-se-ia Portugal, para os nossos artistas dramaticos, alguma colonia?

■ ■ ■

CARLOS Leal continua a ser honrengeado com abundantes almoços. Mas que appetite. Qualquer dia arrebenta com uma indigestão!

O' Leal, isso não será *rapheca*... demais?!...

HOMEM DE TODAS AS HORAS.

BARBEI-SE COM A TONIC



As de mais: boa femina

Respostas logicas



— V. Ex.º permite que eu a acompanhe?
 — Malcredo! Olhe que eu sou uma pessoa séria.
 — Pois é por isso mesmo. Bem vê V. Ex.º que eu não quero por forma alguma que me vejam em más companhias.



— O meu canario fugiu. A vislha não o viu?
 — Como era ele?
 — Amarelo com a cabeça verde escura.
 — Então não esteja em cuidado. Está seguro na boca do meu gato.

UMA HISTORIA

O burro artificial e humano...

O menino Jorge era uma joia de creança. Não é possível, sem fazer a prova dos nove vinte vezes, dar uma soma exacta das suas preciosas habilidades. Falava de todas as maneiras: pelos cotovelos, pelos joelhos e com as unhas, segundo o testemunho da creada da mamã. Imitava os papagaios, os gatos, as galinhas e os grilos. Sabia espreitar às portas, esconder-se debaixo do sofá ou agachar-se no quintal, como fazem, no cinema, os *detectives*, os galãs, e os peles-vermelhas.

Ora como é que o menino Jorge podia sair-se bem no exame? O menino Jorge «é a inteligente de mais. Só os burros teem porte»...

O menino prodigio fixava tudo quanto ouvia dizer e, como não tinha papas na lingua, um dia pôs esta questão a sua mamã:

— O' mamã! A gente deve ser burro?

A mamã respondeu:

— O menino é inteligente de mais...

E voltou-lhe as costas.

O pequeno ficou sem saber se havia de carpir, se havia de zurrar.

O Jorginho fez então ter com a tia. Esta disse-lhe a mesma coisa.

— O menino está a ser inteligente de mais.

E já não lhe dava tantos boios como antigamente.

Com todas estas respostas, o pequeno andava já, sem dar por isso, a praticar para parvalhão.

Quando já ia um pouco adiantado nesse curso, a mamã chamou-o e disse-lhe:

— O menino já viu dar pasteis a um burro?

O menino, que queria agora ser burro, fez logo com a cabeça que sim.

— E sabe porque é que dão doces ao burro?

— O menino prodigio abanou a cabeça. A mamã fez-lhe mais perguntas e o menino, que já tinha finalmente compreendido que ser esperto não dava nada, abandonou a tagarelice e só mexia a cabeça como o burro quando quer sacudir as orelhas.

Como recompensa desta linda prova de exame, a mamã deu ao menino Jorge muitos doces e muitos brinquedos. Tais progressos o menino fez que, um dia, uma das creadas da 20.ª serie, naquele ano, chamou-o e disse-lhe:

— O menino não viu eu dar uma posta de peixe espada a este senhor fardado, pois não?

E o menino Jorge, como um grande actor do antigo cinema mudo, fecha os olhos e responde apenas com a cabeça:

— Não, senhor!

— Que amor de creança!

E foi um nunca acabar de guloseimas!

O triunfo maximo foi uma vez que a creada disse ao menino Jorge:

— O menino não viu um senhor a falar na saleta com a mamã, pois não?

O Jorginho abanou as orelhas.

— Que amor de creança!

A tarde trouxeram-lhe um bonito cavallo e pasta. Dois meses depois, o papá do menino Jorge comprou um automovel. E o menino, distraidamente, esqueceu-se que era burro e disse muito baixinho á creada:

— O papá tambem não viu o tal senhor, pois não?

O menino Jorge cresceu, fez-se um homem e hoje tem dois automoveis.

Nunca mais deixou de ser burro.

E. F.



— E para isto me sacrifiquei eu por ti! Para agora me trocres por outra!...

— Não digas coisas no ar. Eu continuo a gostar de ti, e para t'o provar, vou trocar-te mas é... em meúdes!

Elevador da Gloria

Nam hotel:

— Esta toalha está muito suja!

— Lá isso está! Mas não sei o que fazer! Já a vol'ei duas vezes...

Pedindo emprego:

— Quanto se ganha aqui por hora?

— Ao principio, cinco escudos; mais tarde dez!

— Então, volto mais tarde!

A' saída da missa:

— O padre, esta manhã, falou-nos da mulher á tarde do demônio.

— Mas, como é isso? Dois sermões sobre o mesmo tema?...

— Mas, afinal, não foi você o mandado que esteve aqui ha dez minutos?

— Sim, minha senhora, fui eu, mas como me disse que quando voltasse por cá me daria mais alguma coisa...

Na policia:

— Chegou-lhe alguma coisa aos ouvidos sobre a desordem?

— Sim, senhor! Duas bofetadas...

Ela: — Tudo quanto ha nella casa me pertence. Dinheiro, moveis, vestidos, tudo! O que tinhas tu antes de casar comigo?

Ele: — Tranquilidade!...

O medico: — Vejo-me obrigado a proibir-lhe todo o trabalho intellectual.

O escritor: — Então não posso escrever a minha novela?

O medico: — Homem; isso pode!...

A cartomante: — Até aos trinta anos será infeliz no matrimonio!

O incauto: — E depois?

A primeira: — Depois acostuma-se!...

No bar:

— Pedi-lhe um champagne bom e trouxe-me um champagne barato!

— Não diga isso! Espere pela conta...

O pessimista, pedindo a mão de uma actriz de cinema: — Querida, quero fazer-lhe uma proposta!

— Diga?

— Que me acete para primeiro marido!



— Como estiveste bonita, tragote chocolates, mas da marca Nestlé, para poderes entrar no 4.º concurso.



"Tom", caricaturista original e moderno, expõe agora os seus desenhos magnificos num salão de bom "tom" — o Babano, all á Rua Ivens — onde, por iniciativa d'um grupo de illustres membros, se expõem e vendem os mais lindos objectos de utilidade feminina...

TAC-TAC-TAC

O "Censo comum" não existe!

— Pois disseram as *notas oficiais* nos jornais: «de 30 de Novembro para o 1.º de Dezembro, se fará, em todo o país, o censo da população».

«E eu, por mór do «dever civil», proclamado nos cartazes de propaganda, e certo louvável recelo daquele policia sinaleiro, de grandes manípulas, que lá fóra pintado, com ar ameaçador, não sai nessa noite de casa. E, silencioso e solene, esperei pacientemente a chegada benemerente dos censores.

«Mas, meu bom amigo e protector, levei toda a noite em branco e os censores não censuraram nada!

«Mesmo, nada teriam de censurar-me. E' certo que sou chefe de família, mas nunca faltei aos meus deveres conjugais e, que me conste, nunca minha consorte deles desertou.

«Mas, se era da lei que os censores viessem a todas as casas nessa noite, porque não vieram á minha?»

Isto me mandou dizer, por carta, José da Cunha Peneiroso, meu afilhado e meu amigo.

Dias depois da missiva, aparecia-me:

— E, então, o tal censo? — perguntei, solícito.

— Saiba o meu querido padrinho que continuo sem senso nenhum.

— Então estás zuquinha de todo, comentei risonho.

Mas o Peneiroso formalizou-se:

— Zucas estão eles, que na noite de 30 para o 1.º não foram lá a casa.

— Não te importe! O que é preciso é que tenhas preenchido o boletim.

— Mas que boletim, padrinho?

— O do censo...

— E ele a dar-lhe! Eu, do censo, nem boletim, nem nada, recebi. Imagine que eu vivo numa povoação que pertence a dois concelhos e a oito freguesias. Ha 60 casas e 185 habitantes. Dum lado, é uma freguesia; mais abaixo, é outra; ambas do mesmo concelho. Eu estou de cá. E do lado de cá, que é Loures, não se recebeu até hoje nada de censo.

— E' natural, (disse eu para dizer alguma coisa, fingindo que percebera) fica mais perto de Lisboa...

— Pois é verdade, padrinho, (prossiguiu o Peneiroso, muito influido) do lado de lá andaram os *cabos-de-ordens* a distribuir papeis e a colher informes...

— Homem, isso é outra coisa. Isso deve ser para apurar algum crime.

— Não, senhor, padrinho; ara por via do censo. Lá no meu sitio os censores são os *cabos-de-ordens*.

— Ha, sem duvida, uma certa razão (retorqui, para lhe acalmar as furias contra o existente). Para varrer, é preciso a vassoura; e não ha vassoura sem cabo! A vassoura das sociedades é a ordem. Portanto, é justo que sejam os *cabos-de-ordens* os censores do teu sitio.

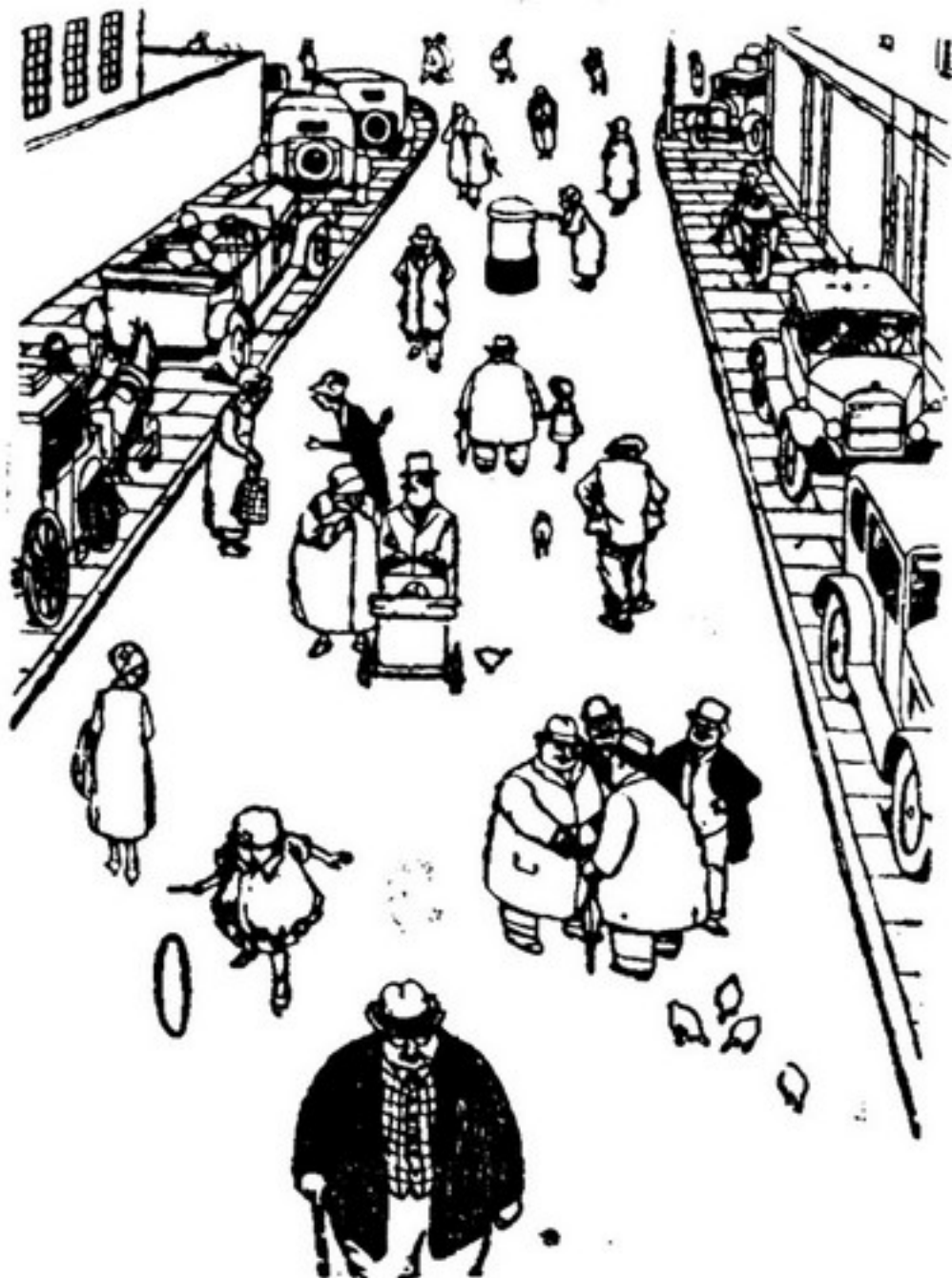
— Oh, meu rico padrinho! Mas é que, do meu lado, não ha ordem nenhuma no que respeita a censo...

— Então esse tal censo (quiz eu concluir) não é de forma alguma o *censo-comum*...

— «Qual *censo-comum*!» — contrapôs Peneiroso — «O que ele me parece é um verdadeiro *contra-censo*».

Judiciosa conclusão!

CIRANO DE VELHOFRAC.



(Ao capitão Laureço, director da Polícia de Transito)

Depois dos alvites que o "Sempre Fixo" publicou sobre o sentido unico, no seu ultimo numero, parece-nos que esta é a melhor maneira a adoptar. Como o dr. Augusto Vaz, do Conselho Superior de Viacao, não se oponha...



D. CARLOS GODOY

Um medico illustre que aplicou o metodo Agnero, mas que, com o seu nome, não tranquilisa os doentes. Quem lá vai já sabe que lhe godoy.

Graça dos outros

— O seu nome?
— Aleixo Gomes.
— Profissão?
— Escritor!
— Sabe lér e escrever?...

Na aula:
O professor, explicando: — Uma pessoa anonima é uma pessoa que deseja ocultar a sua identidade... (Zangado) Quem atirou esta bola de papel?
Uma voz: — Um anonimo, sr. professor!...

No restaurant:
— Este bife é uma sola!
— Pelo preço, talvez quizesse um par de botas!

Entre casados:
— Então vais sair com um vestido decotado fazendo tanto friol...
— Antonio, com um vestido novo, uma mulher nunca tem frio...

Entre meudos:
— O teu pai deve ser muito forte!
— Muito! Vês esse barril tão grande?... Pois o meu pai bebeu-o todo!...

Ela: — E agora, que estamos casados, suponho que virá de ves em quando vér o meu marido!
Ele: — Assim penso! Eu não sou dos que abandonam os amigos na desgraça...

Numa companhia de seguros:
— Quero segurar a minha casa contra o fogo!

— Pois, então, vá para a bicha como os outros que estão ahí á espera!
— Não posso! Tenho a casa a arder...

O medico: — Isso vai mal! O senhor está com muito mau parecer!
O doente: — Mas o doutor vem vér um enfermo ou uma rainha de belesa?...

Entre humoristas:
— Sempre é verdade que lés as anedotas que fazes a tua mulher?
— Sim; para aproveitar as que ela não acha graça...

Ele: — Quando nos casarmos, serás o meu tesouro!
Ela: — Diz antes... o meu tesoureiro!...



— Porque razão não vais para o Boleglio?
— Não vou sem que me dêem chocolates Nestle...

O vestido estragado

Esta historia passa-se no Paraíso e é do tempo em que os animais falavam como qualquer pessoa de bem.

A Eva queixava-se frequentes vezes de que o Adão nunca a levava a passear, nem aos cinemas, etc., etc. O Adão bem queria fazer-lhe a vontade, mas como ganhava pouco via-se aflito. Mas a Eva tanto lhe pediu que o Adão prometeu que a levaria a um baile que a serpente oferecia á alta sociedade do Paraíso. A nossa Eva ficou doida de contente e começou logo a meter o Adão em sarilhos e a pedir-lhe um vestido.

— Tu, meu querido Adão, tens que me comprar um vestido porque eu não posso ir com a folha de parra com que costumo sair.

O pobrezinho do Adão mudou de cor três vezes, mas prometeu arranjar-lhe uma *toilette* decente.

A noite, o bom do Adão trouxe-lhe uma *toilette* toda em folha de couve e a ultima palavra da moda.

— Ai, meu querido Adão, que lindo vestido. É um corte muito lindo. Mas eu gostava mais se fôsse feito no estrangeiro.

— Então não é?! — retorquiu o bom do Adão. — Está claro que é uma *toilette* estrangeira. Tu não vês que é toda feita em couve gallega?

E a Eva, doida de contente, deu pulos, trepou por ele acima, chorou, riu e até lavou a loiça, coisa que ela não fazia para não sujar as mãos.

Eis chegado o dia do grande baile, que teve no Paraíso mais successo que o baile da «Severa» teve nos nossos dias. O Adão saiu, como de costume, para o seu emprego e a Eva levou todo o dia a fazer os preparativos para ir á grande festa.

Era visita da casa o nosso conhecido roedor o senhor Coelho e aqui é que foi o sarilho.

A noite, o Adão chega a casa muito contente e encontra a Eva lavada em lagrimas.

O Adão, muito comovido, começou a perguntar-lhe o que foi, mas ela nada.

— O' filha, mas diz o que te aconteceu. Anda, não me faças sofrer.

— Não foi nada! — exclama a Eva, entre uns três ou quatro soluços.

— Não, tu que choras é porque alguma coisa tens. Anda, diz-me o que tens. Então hoje, que nós vamos ao baile, é que tu choras?

— Pois... e mesmo... por causa... do baile que... eu chorei.

— Mas diz-me o que tens.

— É... é que eu já... não tenho *toilette*.

— Não tens *toilette*? E porquê?

— Porque o Coelho comeu-ma...
toda...

FERNANDO D'AVILA.



— O que me aconselha doutor, para que não perca a elegancia?

— Olhe, use um «soutien-gor-
get»...

Desconsiderações sobre a «Severa»

(Ao cinefilo Fernando
d'Avila)

Afinal não sei para que servem as louvainhas reclamatorias aos artistas que super-visitam, realizam e interpretam mais ou menos o apregoado filme Se nós todos — que apenas super-visitamos e não realizamos ou interpretamos nem pouco nem muito mais ou menos — estamos profundamente convictos da incapacidade deles!

E isto não é inveja! Isso sim! É que está descaradamente patente a falta de senso artistico — e mesmo de senso de outras qualidades — que tem orientado aquilo tudo!

Começou pela escolha do argumento — «A Severa». Ora isto já é bastante lamentavel: fazer fitas com coisas que já não se usam! Pff! Quem é que vai convencer os estrangeiros de que aquelas canelhas e betesgas não existem por cá (se existem!) e aquillo dos homens andarem pela rua de chapéus mais altos (o que o comum e de papel — é puramente fita?)

Sim! Para que foram eles aproveitar uma «Severa» que, afinal, começou logo por ser um abôrto em tamanho natural dos rendilhados e filigranas, dos Sevres e dos Arras habituais no senhor Julio Dantas?! Uff! Que mau gosto!

E, depois, onde é que estão aquelas cinefilas, ordinariamente altivas e castas, que se prestarão a fono-escutar aqueles bojardões fonogenicos da Alfama de «mil oitocentos e não me lembra quantos» que, decerto, serão tambem reconstituídos? Ná! As primeiras oito que ouvirem aquillo vão logo dizer ás Soisas e Pires conhecidas que até coraram... mesmo sem perceberem nada. O que seria se percebessem!

Além disto, temos a interpretação.

Não vou discutir as qualidades do sr. Antonio Luis Marialva Lopes; o que é, porém, inegavel — é que eu sou mais fitogenico do que ele em todas as acepções. E está mesmo a meter-se pelos olhos dentro que o natural seria aproveitarem-nos a ambos — ou para os grandes planos e ele para o res-

to, muito bem disfarçado de «double».

Pois isto não era três vezes mais racional?

Não é para me gabar nem pretendo fazer intrigas — mas porque é que o sr. Oliveira Martins entra ali (ele que já entrou na «Rosa Maria» com a Maria do Mar), enquanto eu fico em branco, sem uma senha branca para a corrida e fui corrido quando estava á espera de ir á espera?!

Não se está mesmo a vêr que ha favoritismo?

E não é por falta de me fazer notar! Comprei uns calções á realizador e estudei umas quatro expressões características de «star» sem contrafacção. Tenho escondida uma composição rigorosa do tipo daquella «trotta-conventos» — a «tia Macheta» — e só queria que o sr. Leitão de Barros puzesse ali os olhos! Isto para a hipótese de um «travesti», porque se esse senhor soubesse — sonhasse, apenas! — do meu genio para «Custodia»! Só já me falta ser naturalmente aleijado, porque idiota... não ha dois que fizessem um papel tanto ao vivo!

Em conclusão: ninguem mais do que eu lamenta que não tivessem reparado na minha apparencia impecavel e integralmente fito-fotofono-genica e desejo que o filme lhes saia tão perfeito como eles querem... só para confrontar com uma 2.ª edição que ando a fazer como quem não quer a coisa e de que sou o principal interprete. E os restantes...

* * *

Agora estou a vêr se tambem não me chamam para fazer aquele tipo caracteristico de rufia anónimo que canta no funeral da «Severa»:

Chorai, cinefilos, chorai
...de raiva, pela «Severa»...

S. NEVES.

N. B. — Os palavrões tecnicos são copiados expressamente do «Kino» e outras revistas cinematograficas... porque eu não percebo nada disto.

S. N.

Opinião abalisada...



ELAS O DIZEM:

— Depois de um dia de cancelas, não ha nada melhor do que um «Fixe» nas unhas!...

Podia ser peor...

Quasi diariamente a C. M. L. oferece aos habitantes da cidade varias surpresas.

Sucede muitas vezes passarmos num local onde se erguem varios predios e, se lá formos, decorridos oito dias, encontramos em sua substituição uma ampla avenida.

Houve, porém, uma surpresa que deu origem a um caso interessante e que foi a mudança brusca do Campo de Santa Clara para Largo Dr. Bernardino Antonio Gomes.

O meu amigo Pancrácio, na noite de S. Martinho, depois dum accidentado trajecto feito aos êsses, conseguiu chegar á porta da sua casa bastante utilizado. Como a dose que bebera fôra enorme, os vapores do alcool transtornaram-lhe a cabeça e Pancrácio, que morava num 2.º andar, queria entrar na sua residencia sem subir os degraus da escada. Fez grande alarido, despertou a vizinhança e começou berrando furiosamente, com a boca e os olhos muito abertos, para que todos pegassem em pedras a fim de atirarem a um báculo de Kock que estava no beiral do telhado. Entretanto, devido á intervenção do sua mulher e do «casse-tête» dum sinaleiro, Pancrácio viu-se obrigado a recolher a casa. Dormiu muito bem toda a noite, com os pés no traverseiro.

Ao outro dia, levantou-se e, depois de se barbear, vestir e almoçar, saiu para o seu emprego. Quando ia a voltar a esquina, notou que tinham alterado o nome ao largo onde morava. Seria possível? E o nosso Pancrácio começou esfregando muito os olhos, julgando que ainda eram os efeitos da agua-pé que bebera na véspera. Voltou atraz e contou á cara-metade a sua estranheza pelo que vira. Ela, julgando que naturalmente o marido ainda estava perturbado, não ligou importancia ao que ele lhe dissera e este saiu novamente de casa.

Já na rua, Pancrácio encontrou o visinho do rez-do-chão e disse-lhe á queima-roupa:

— Oíça lá! Você quer saber o que me succedeu? Esta noite dei-te-me no Campo de Santa Clara e hoje acordei no Largo Dr. Bernardino Antonio Gomes, sem mudanças nem massadas nenhuma!

O visinho, que fôra dos primeiros a presenciar a scena que Pancrácio fizera na véspera, e desconhecendo a alteração no referido largo, colocou-lhe amigavelmente as mãos nos ombros e disse-lhe com um sorriso ironico a brincar-lhe nos labios:

— Deixe lá, visinho, que você ainda teve muita sorte! Ha outros que nas mesmas condições, em que você veio ontem para casa, adormecem nos bancos da Avenida e vão despertar na esquadra do Teatro Nacional...

E. BENAVENTE.



— Vou fundar um jornal que seja util a todos.

— Então que seja delgado e ao mesmo tempo resistente...

Cacharolete

Dotes fotogenicos

«Cavalheiro novo, educado, bonita posição social, deseja corresponder-se com senhora séria e possuidora de dotes fotogenicos.»

(Diário de Notícias, 11-12-1930).

Porque os temas são banais
E é sempre a mesma prosa,
A's vezes interessam mais
Os anúncios dos jornais
Que a parte noticiosa.

Faz-se acima a transcrição
Dum período que representa
A suprema aspiração
Dum homem sem ambição,
Que com pouco se contenta.

Uns querem mulheres morenas,
Alguns as querem cocotes;
Uns, altas; outros, pequenas;
Mas este requer apenas
Os fotogenicos dotes.

Causa certa admiração
A ambição deste senhor;
Mas sendo aquela ambição
De facil satisfação,
Tambem merece louvor.

E' que ha p'ra ahi malandrotas
Que estão com certeza prontos
A atirar dois piparotes
Aos fotogenicos dotes,
Por um dote d'alguns contos.

JOÃO FERNANDES.

«Sem saída»...

A Policia deitou mão,
segundo oíço relatar,
a um fadista gingão
que se veio a revelar
gatuno de criação.

Preguntada a sua vida,
declarou que tem tirado
uma carreira mechida...
— «E onde é que tem morado?»
— «E' no «Bêco sem saída».

Que a senhora Ocasião
faz o ladrão — diz o povo —;
e eu sou dessa opinião,
em presença deste novo
gatuno de criação.

Ao plebeu Lovelace
não serei eu quem condene
p'los actos que praticasse.
— Pois nunca vi *right man*
tão bem *in the right place*.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Taboletas de Lisboa

«Servem-se lanche's para casamentos, batizados, soirées e banquetes.»

P'ra as bandas do Cacharolete ha taboleta que diz isto assim, precisamente, em lindas letras douradas devidas ás pinceledas d'algum artista eminente.

«Lanche's» servidos assim devem de ser, quanto a mim, congló de sibiritas; e «soirées» de tão bom gosto, de acento agudo na l'póto, são mais finas e catitas.

Mas o que a todos intriga nessa taboleta antiga que dá volta aos capacetes, é a tal pastelaria, com aprumo e g'hardia, servir «lanche's» p'ra banquetes...

ANTONIO AMARGO.

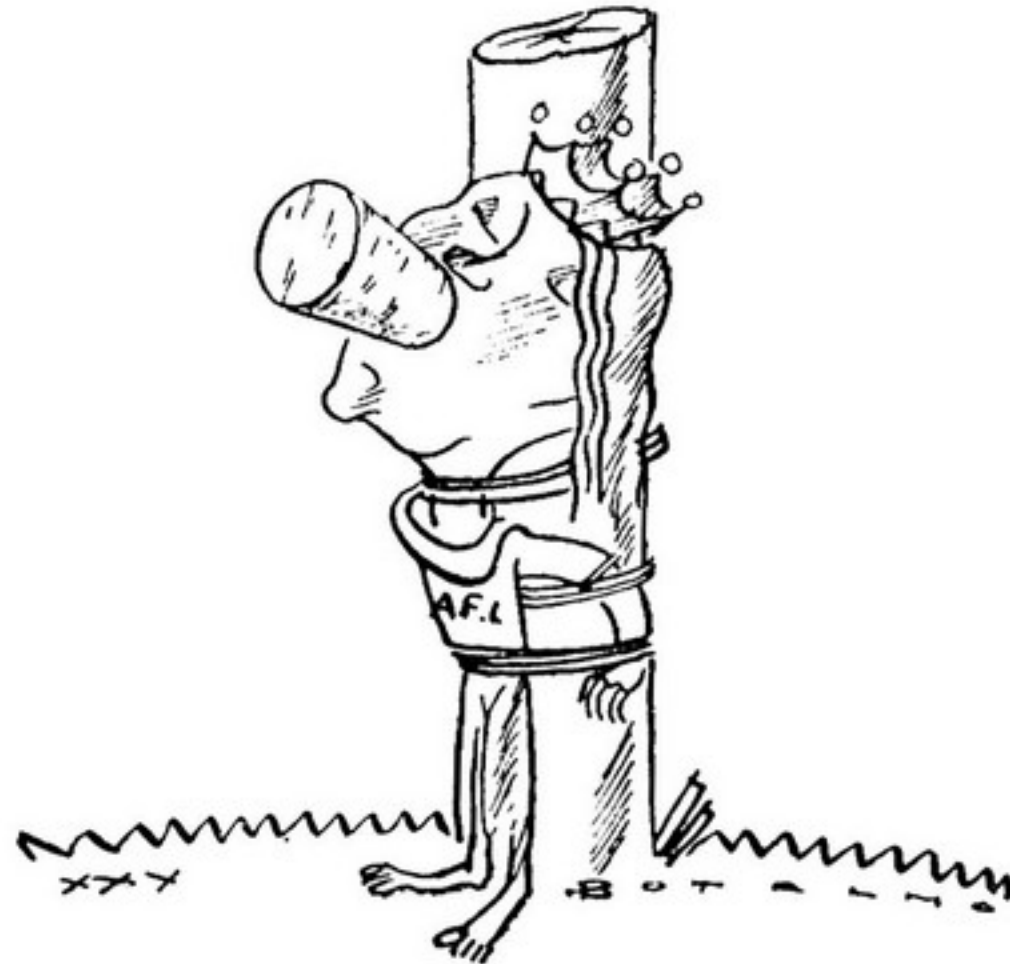
RESTAURANTE TRINDADE
MARCIAL

R. DA TRINDADE, 52

Depois de completamente restaurado, reabre na proxima 2.ª feira este estabelecimento, onde espera receber os seus Ex.ºs amigos e fregueses.

DESSPORTOS

Perdas crónicas



O melhor é não falar mais... em jogos internacionais...

Continua a conflagração



Para os proximos combates do conhecido jogo «Um goal ou a vida.»

PAREDES MEIAS



Ainda o inverno vai no começo e já a vizinha está ao brazeiro.

Prosa de Cha-Velho

O professor Luciano Moreira regressou de Paris e teve a amabilidade de nos vir dar conta das suas impressões.

Registando-as, devemos escarrecer que Luciano Moreira não leva a mal que o façamos nesta secção e, portanto, com o possível bom humor, tal como não levou a mal que aqui publicassemos uma sua carta.

Vem o conhecido professor de regras tauromaquicas mais elegante que nunca, com sua inseparável flôr na lapela e certo ar de civilização que Paris imprime aos que lhe cáem nos braços.

Começou Luciano Moreira por confirmar e ampliar o que viu pelos teatros de Paris e que aqui já narrámos, isto é, senhoras nuas, muitas senhoras e muito nuas.

Mais nos disse, com seu sorriso intencionado, das perseguições, e até assaltos, que sofreu por parte de certas damas que estacionam nas entradas de teatro. Mas, Luciano não foi na fita e seguiu seu caminho.

Não seria este caminho dos mais recomendáveis por que dos teatros de Mont'marte foi para Mont'marte propriamente dito, o dos cabarets fantasticos e para «épater» estrangeiro.

Devemos porém declarar que o nosso Luciano continuou a não ir na fita e riu-se dos que dele se pretendiam rir.

Onde a coisa ia estando séria foi num autentico *caveau* de apaches, onde Luciano caiu sem dar por isso e sem o desejar.

Começou um tipo de má catadura por aplicar tremendo sóco a um joven que, de acôrdo com o patife, se lamentou e chorou no proposito de conseguir que o nosso patriocio se movesse, saindo em sua defesa.

A ideia da *troupe* — explicou-nos Luciano — era cair sobre ele, se ele caísse em cair no laço, aproveitando a confusão para lhe roubar os belos anéis que exhibe nos dedos.

Mas, ainda desta vez Luciano não caiu, saindo-se da aventura são e salvo, com grande jubilo dos seus discipulos e admiradores, entre os quais nos contamos.

Disse-nos ainda Luciano das entrevistas que teve com ministros e outros altos funcionarios franceses, a fim de conseguir o que a Paris o havia levado. Mas nós, que nos permitimos brincar com Luciano, sabemos, porém, guardar segredo do que constitue a parte séria da sua viagem a Paris.

PEREZ LA CHAISE.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O proximo numero do

KINO

sal ámanhã

COM 12 PAGINAS

ECOS DA SEMANA

POR NAO PODEREM IR PARA O BRAZIL AS CARAVANAS DE EMIGRADOS VAO A CAMINHO DAS "DESERTAS" EM BUSCA DO TESOURO DO CORSARIO - VIDE DIARIO DE LISBOA DE 12 -



BREVEMENTE UM FUNICULAR AEREO, DE SANTA JUSTA AO CASTELO, QUE HA MUITO SE FAZIA ESPERAR, INSPIRADO NA TRAVESSIA DA PALHAÇA, NO LARGO DE S. DOMINGOS.



TAGIU MUITO BEM A TAGIDA FORTEMENTE APOIADA PELO CORAJOSO MAESTRO PEDRO O "GRANDE"



LARAKÓTERADIA?



HOJE NO POLITEAMA A FAVOR DOS POVRES ALUNOS DE MEDICINA

NUNCA CUSTOU TANTO A ALCANÇAR A GLORIA COMO AGORA... COM O ASCENSOR PARADO



TEMOS ENFIM GRAÇAS AO POSTO CT 180 MUSICA AO NATURAL, DE PRIMEIRA, DE BOA FARINHA E BEM MANIPULADA POR UMA ORQUESTRA DE CAIXAS D'OCULOS E QUE NÃO É PADEIRA A TOLAR -

BREVEMENTE ABERTURA DE UMA FEIRA SEM MARIA BOTAS MAS COM COELHO QUE NÃO É GATO



O APARELHO QUE ENCOLE OS SONOS